



UM OLHAR VARIACIONISTA SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL ALEIJADO VS. PERNETA A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALIB

Lurdiane Alves da Costa (UECE)¹
lurdianealves@gmail.com

Aluiza Alves de Araújo (UECE)²
aluizazinha@hotmail.com

Wilson Júnior de Araújo Carvalho (UECE)³
wilson.carvalho@uece.br

RESUMO: Este trabalho investiga, com base na Sociolinguística Variacionista, defendida por Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968]) e Labov (1966, 1994, 2001, 2006, 2008, 2010), a variação das formas lexicais para a questão 114 - *a pessoa que não tem perna?*, proposta no Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Nossa amostra contou com 200 informantes pertencentes a duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), tanto do sexo masculino como do feminino, e dois níveis de escolaridade (fundamental incompleto e o superior completo). Os dados foram extraídos das capitais brasileiras de todas as regiões do país. As duas variantes mais frequentes foram *aleijado* e *perнета*, sendo que, para cada uma, foram registradas 74 ocorrências, totalizando 148 dados. Com o auxílio do *GoldVarb X*, verificamos que, na análise feita com todas as capitais juntas, os mais jovens e os menos escolarizados favorecem o uso da variante *aleijado*.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista. Atlas linguístico do Brasil. Variantes lexicais.

ABSTRACT: This paper investigates, based on the Variationist Sociolinguistics, defended by Labov, Weinreich and Herzog (2006 [1968]) and Labov (1966, 1994, 2001, 2006, 2008, 2010), the variation of lexical variants for question 114 - *the person who has no leg?*, proposed in the Semantic-Lexical Questionnaire of the Linguistic Atlas of Brazil Project. Our sample consisted of 200 informants belonging to two age groups (18 to 30 years old and 50 to 65 years old), both male and female, with two levels of schooling (incomplete elementary school and graduate). The data were extracted from the Brazilian capitals of all regions of the country. The two most frequent variants were *aleijado* and *perнета*, and for each one, 74 occurrences were recorded, totaling 148 data. With the help of *GoldVarb X*, we verified that, in the analysis done with all capitals combined, the younger and less educated favor the use of the *aleijado* variant.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

² Possui graduação em Letras (Português/Literatura) pela Universidade Estadual do Ceará (1996), mestrado (2000) e doutorado (2007) em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor Associado M da Universidade Estadual do Ceará.

³ Possui Graduação (Bacharelado) em Fonoaudiologia pela Universidade de Fortaleza (1992), Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará (1996), Doutorado em Letras (Área de Concentração: Linguística Aplicada) pela Universidade Federal da Bahia (2003). Realizou Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (2011 a 2012). É Professor Adjunto M da Universidade Estadual do Ceará (UECE).



KEYWORDS: Variationist sociolinguistics. Linguistic atlas of Brazil. Lexical variants.

1 Introdução

Estudos sobre a variação lexical vêm sendo desenvolvidos ao longo do tempo (RAZKY; COSTA; OLIVEIRA, 2011; PAIM, 2011, 2013; CHAIN; MARGOTTI, 2013; ROMANO; SEABRA, 2014; ROMANO, 2018a, 2018b), contudo observamos uma carência no sentido de analisar o léxico referente ao campo semântico “corpo humano”, mais especificamente no que se refere a características físicas.

Verificamos, no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), que as formas *alejado* e *perнета* são as mais utilizadas pelos informantes das capitais brasileiras para se referirem à pessoa que não tem uma perna, dentre muitas outras respostas dadas à questão 114, tais como, *coxo*, *cotó*, *cachimbo*, *manco*, *deficiente físico*, *só tem uma perna*, *coxal*, *deficiente*, *coxolé*, *tem uma perna amputada*, *perna de pau*, *saci*, “*impurrando*” *de uma perna*, *concho*, *não tem uma perna*, *cambeta*, *puxa de uma perna*, *capenga*, *maneta*, *sem perna*, *perna sim perna não*, *manqueta*, *mutilada*, *pernalta*, *manguebá*, *cortô a perna*, *moleta* e *paralítico*. Por terem se apresentado como as duas formas mais produtivas em nossa amostra, decidimos analisar as variantes *alejado* e *perнета* neste trabalho.

Abaixo, apresentamos dois trechos da nossa amostra para demonstrar o fenômeno que nos propomos a estudar:

(1)

INF. – É *alejado*?

INQ. – Tem outro jeito de chamar o que não tem uma perna?

INF. – Só se... “Fulano é manco...”

INQ. – Mas o manco é o que não tem uma perna? Esse não tem... (inint) uma pessoa que tem uma... não tem uma... porque tem pessoa que não tem uma perna e tem pessoa que puxa de uma perna... como é a diferença que você faz?

INF. – Não... quem tem a... quem não tem uma perna diz que é assim a pessoa é *alejado*... né?

(Aracaju-SE, mulher, entre 18 a 30 anos de idade, ensino fundamental incompleto)

(2)



INF.- Como que é o nome da pessoa que não tem uma perna...

INQ.- Como é que a gente chama né?

INF.- É deficiente...

INQ.- Já ouviu outro nome?

INF.- Não eu ia falá... que eu tinha uma ratinha aqui em casa... e ela perdeu a perna... Uma ratinha que eu falo aqueles hamister grandão assim... Aí eu tinha aquele um hamister austrália... tsc... australiano um hamis... ai... acho que é australiano mesmo... e ela perdeu a perna no parto aí eu coloquei o nome de *pernetá*... (risos)

INQ.- Tadinha...

INF.- Aí eu já ia falá *pernetá*... ai...ai...

(Vitória - ES, mulher, entre 18 a 30 anos de idade, ensino superior completo)

As principais hipóteses levantadas, para o uso da variante *aleijado*, foram as seguintes: a) os homens favorecem esta forma; b) os mais jovens a beneficiam; c) as mulheres, independentemente da faixa etária, preferem não utilizá-la; d) os informantes menos escolarizados a privilegiam.

Tomamos os postulados centrais da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968]) e Labov (1966, 1994, 2001, 2006, 2008, 2010) que, dentre outras coisas, defenderam o princípio da heterogeneidade linguística, da existência de diversos estilos, postulando, assim, a ideia de que o falante não é dotado de estilo único, e de que as formas da língua associam-se com os significados referenciais/representacionais e sociais. Dessa forma, nossa fundamentação teórica está embasada na Sociolinguística Variacionista. O banco de dados com o qual trabalhamos é proveniente do projeto ALiB, que foi desenvolvido à luz da Dialetologia.

A relevância desta pesquisa está no fato de dispormos de um estudo quantitativo que se dedica a analisar as variantes lexicais mais produtivas na nossa amostra para denominar uma pessoa que não tem uma perna. Conhecer essas variantes lexicais nos dará uma ampla visão de um dos aspectos lexicais do falar brasileiro atual para denominar as características físicas de uma pessoa, já que até o presente momento não encontramos estudos que tomaram este fenômeno como objeto de pesquisa. Tal tema também envolve a questão do estigma que está por trás destas formas no falar de pessoas com idades que variam entre 18 e 60 anos, com diferentes níveis de escolaridade e que se identificaram como pertencendo ao sexo masculino ou feminino.

Além disso, podemos constatar que muito se tem debatido nos discursos da educação, em telenovelas, na educação inclusiva, em documentos oficiais e em várias pesquisas acadêmicas (MAGALHÃES; CARDOSO, 2010; FERNANDES; DENARI, 2017) acerca da importância em se derrubar as barreiras e os estigmas formados em torno da pessoa com deficiência. Contudo, Magalhães e Cardoso (2010, p.59) afirmam que “[...] não temos razões plausíveis para suspeitar de mudanças importantes nessa perspectiva”. Logo, desenvolver um estudo como esse à luz da Sociolinguística, poderá fazer-nos compreender como a sociedade e/ou um grupo da sociedade denomina uma pessoa que não tem uma perna e, dessa forma, poderemos averiguar também os processos de estigmatização que ainda podem estar vivenciando as pessoas com deficiência.

Este trabalho está organizado em cinco seções: na primeira, temos uma breve introdução; na segunda, abordamos a temática da variação lexical, e, também, comentamos alguns estudos desenvolvidos no Brasil, que analisaram outras variantes lexicais; na terceira, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa; na quarta seção, apresentamos os resultados e os interpretamos; e, na quinta seção, finalizamos com as considerações finais.

2 Estudos sobre variação lexical no português brasileiro

Encontramos alguns artigos publicados nos últimos dez anos que analisaram diferentes variações lexicais em várias regiões do Brasil (RAZKY; COSTA; OLIVEIRA, 2011; PAIM, 2011, 2013; CHAIN; MARGOTTI, 2013; ROMANO; SEABRA, 2014; ROMANO, 2018a, 2018b) e consideramos pertinente relatar alguns desses trabalhos que encontramos no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na página do site do Projeto Atlas Linguístico do Brasil⁴, a fim de verificarmos os fenômenos investigados que analisaram dados provenientes do Questionário Semântico-Lexical (doravante QSL) do Projeto ALiB, e por conseguinte, seus resultados de pesquisa a partir da amostra

⁴ Mais informações: <https://alib.ufba.br/>.

analisada. Ressaltamos que não foram encontrados estudos que analisaram o fenômeno que estamos investigando.

A pesquisa desenvolvida por Razky, Costa e Oliveira (2011) analisou as variantes linguísticas para *toco de cigarro* que faz parte do campo semântico “convívio e comportamento social” da questão 146 (... *o resto de cigarro que se joga fora?*) do QSL do Projeto ALiB, com o objetivo de estudar as variações desse item lexical numa perspectiva que leva em conta o espaço físico e social, conhecido como geossociolinguística. A amostra contou com 200 informantes (8 por capital), que residiam em uma das 25 capitais brasileiras, a saber: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco, Porto Velho, São Luís, Maceió, Aracaju, Salvador, Cuiabá, Campo Grande, São Paulo, Vitória, Rio de Janeiro, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Goiânia, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

Dentre as variantes encontradas, a que apresentou o maior número de ocorrências, do ponto de vista geográfico-territorial, foi *bagana* (52 ocorrências), sendo que a variante aparece de forma mais produtiva na região Norte (65%) e, de forma menos produtiva, na região Centro-Oeste (2%). Em contrapartida, a variante que apresentou o menor número de ocorrências foi *ponta de cigarro* (04 ocorrências), que revelou produtividade maior na região Nordeste (75%) e menor na região Sul (25%).

Quanto à variável faixa etária, a variante *bagana* (32 ocorrências) é a mais utilizada pelos informantes entre 50 a 65 anos (62%), enquanto que *bituca* está mais presente na fala dos indivíduos entre 18 a 30 anos (60%). Considerando a variável sexo, tanto os informantes do sexo masculino (27 ocorrências) quanto os do sexo feminino (25 ocorrências) tendem a fazer mais uso da variante *bagana*⁵.

No que tange à variável escolaridade, os participantes com nível fundamental fazem mais uso da variante *bagana* (60%), ao passo que a variante *bituca* (60%) apresenta maior produtividade na fala dos informantes com ensino superior completo. A partir da análise dos dados, os autores concluíram que

⁵ Não foram informadas no corpo do texto o valor das percentagens referente a variável sexo.



[...] os resultados relativos aos fatores idade e escolaridade dizem que essas variáveis têm influência sobre a escolha dos falantes quanto ao uso das variantes de toco de cigarro. Na dimensão espacial, pode-se concluir, também, que as variantes de toco de cigarro se distribuem de forma relativamente regular pelo espaço brasileiro. Observa-se, inclusive, variantes exclusivas de algumas regiões, grupo de regiões ou capitais em que a proximidade se mostra significativa. (RAZKY; COSTA; OLIVEIRA, 2011, p.44).

Paim (2011) estudou o campo semântico “ciclos da vida” do QSL do ALiB referente às questões 121 (*As mulheres que perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*) e 122 (*Numa certa idade acaba a/o ____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher ____ .*) presentes no falar de informantes mais jovens, com faixa etária entre 18 a 30 anos, e mais idosos, com faixa etária entre 50 a 65 anos, em diferentes capitais do país⁶.

No que concerne à questão 121, foram registradas 26 designações entre lexias simples (como *Boi* e *Chico*) e complexas (como *Dias Especiais* e *Tá naqueles dias*). Observou-se que, dentre as variantes lexicais encontradas, apenas *menstruação* era comum para todas as capitais brasileiras pesquisadas, com exceção apenas de Belém, onde foram registradas as formas lexicais *Regra*, *Tá de bode* e *Tá menstruada*. Os informantes mais velhos fazem mais uso das variantes lexicais *Tá de Chico* e *Regra*, enquanto que, no discurso dos informantes mais jovens, foram sinalizadas as formas *Menstruada* e *Tá menstruada*.

Para a questão 122 do QSL, foram registradas 13 designações para *menopausa*. Em todas as capitais pesquisadas, é comum apenas as variantes lexicais *Entra/ (es)tá na/ fase da menopausa*, enquanto que as demais designações estão dispostas de forma irregular entre as capitais. Além disso, constatou-se que os informantes com faixa etária entre 50 a 65 anos utilizam mais as variantes *ficou/está falhada* e *amarrou o facão*.

Em outro trabalho, Paim (2013) investigou as denominações dadas aos itens lexicais para *inflamação dos olhos* (a questão 95 do campo semântico “corpo humano” do QSL do ALiB) no discurso dos informantes com faixas etárias entre 18 a 30 anos

⁶ Não foram informadas, ao longo do texto, o valor das percentagens e os números de ocorrências dos itens lexicais encontrados nesse estudo.

(faixa etária I) e entre 50 a 65 anos (faixa etária II), tomando, para estudo, os dados de informantes de diferentes capitais do Brasil.

Dentre as designações encontradas, verificou-se que apenas *conjuntivite* é a forma mais comum nas capitais, ao passo que *dor d'olhos* está no Nordeste quase todo, em duas capitais do Centro Oeste (Cuiabá e Campo Grande) e mais em Vitória, Curitiba e Florianópolis. Além do mais, quanto à faixa etária dos informantes, o uso da forma *conjuntivite* é mais produtivo na faixa etária I (93,18%) do que na faixa etária II (58,93%), com relação ao item *dor d'olhos*, a faixa II (27,68%) usa mais esta variante que a faixa etária I (3,41%).

Chain e Margotti (2013) desenvolveram uma pesquisa geolinguística pluridimensional, tomando como análise as respostas à questão 167 (... *a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formando quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?*) e, assim, verificar as variantes lexicais na comunidade de fala da cidade de Manaus.

Em cada uma das seis zonas, que corresponde à divisão da capital amazonense, foram selecionadas uma escola em cada das zonas para realizar as entrevistas. No total foram feitas 48 entrevistas, sendo que metade dos entrevistados tinha de 6 a 10 anos de idade e cursava do 1º ao 5º ano escolar e a outra metade dos participantes tinha de 11 a 14 anos de idade e cursava do 6º ao 9º ano.

Os resultados apontaram que a primeira resposta de todos os informantes foi o item lexical *amarelinha* e, de acordo com Chain e Margotti (2013, p. 69), “o resultado evidencia forte influência exógena na fixação do léxico, ao menos em relação ao item lexical pesquisado”.

Romano e Seabra (2014) se propuseram a investigar a distribuição diatópica das variantes lexicais para a questão 132 (*Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*) do campo semântico “ciclos da vida”. Os itens lexicais analisados foram dos informantes oriundos das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Das cinco variantes mais produtivas obtidas através do software SPSS7 (Statistical Package for the Social Sciences) versão 17.0, foram encontradas as seguintes: *menino* (389 ocorrências - 40,52%), *moleque* (181 ocorrências - 18,85%), *guri* (153 ocorrências - 15,94%), *garoto* (108 ocorrências - 11,25%) e *piá* (81 ocorrências - 8,44%) e, posteriormente, analisadas a partir de oito inferências ou hipóteses com o intuito de averiguar o comportamento e a distribuição diatópica das variantes.

Os resultados apontaram que o comportamento das variantes nas três regiões foi distinto, além disso, Romano e Seabra verificaram que

(i) a variante “menino” apresenta distribuição homogênea nos dez estados; (ii) as formas lexicais “guri” e “piá” possuem distribuição heterogênea na região Sul; (iii) as variantes de etimologia indígena (“guri” e “piá”) são mais representativas nas regiões Sul e Centro-Oeste; (iv) há uma maior representatividade da variante “moleque” (étimo africano) na região Sudeste, principalmente em São Paulo e Minas Gerais. (ROMANO e SEABRA, 2014, p. 463).

Romano (2018a) que teve como objetivo validar a hipótese de que a área geográfica denominada, por Antenor Nascentes (1953 *apud* ROMANO, 2018a), como subfalar sulista é heterogênea linguisticamente. Para alcançar o objetivo proposto, o referido autor utilizou os dados do Projeto ALiB, tomando para estudo 9 localidades mato-grossenses, 6 sul-mato-grossenses, 8 localidades goianas, 2 fluminenses, 11 municípios mineiros, 38 cidades paulistas, 17 paranaenses, 10 localidades catarinenses e 17 cidades gaúchas; além disso, também analisou os dados das questões 001 (*Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?* - da área semântica “Acidentes geográficos”), 132 (*Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?* - da área “Ciclos da vida”), 156 (*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?* - da área “Jogos e diversões infantis”) e 177 (*Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?* - da área semântica “Alimentação e cozinha”) do QSL.

Para a questão 001 do QSL foram registradas, no total, 644 ocorrências, sendo que a variante mais produtiva foi *córrego* e suas variantes morfofonêmicas (261 ocorrências – 40,53%) e, com menor ocorrência, *grotta d'água* (0,31%). Já, para a questão 177, foram documentados 420 registros, sendo *geleia* a forma lexical que predomina em 267 ocorrências (63,57%) e *musse* foi a variante menos recorrente, com 08 ocorrências (1,90%). Ainda foi investigada a questão 156 do QSL, onde, do total de 663 registros, a variante *bolinha de gude* (43,44%) mostrou-se como a forma mais produtiva, ao contrário do item lexical *biloca* (6,94%), apresentando apenas 10% de frequência. Por fim, para a questão 132, obteve-se como variante mais significativa *menino* (38,55%) e *bambino* (0,12%) se revelou a variante menos frequente.

Com isso, esse estudo concluiu que existem dois possíveis falares, isto é, um paulista e um sulista, evidenciado através das divergências no território investigado. Além disso, aponta a necessidade em dar mais atenção ao mapa dialetal do Brasil estabelecido por Nascentes (1953 *apud* ROMANO, 2018a), pelo fato de ter sido atestada uma heterogeneidade lexical nessa região do país.

Ainda no referido ano, Romano (2018b) publicou outro trabalho tendo o mesmo viés de investigação, contudo se propõe analisar a questão 039 (*...as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?*) do QSL do ALiB, que recobre o conceito de *tangerina/mexerica*. No que se refere à amostra, foram analisados 118 municípios brasileiros, sendo 472 informantes naturais de nove estados federativos.

No total, foram documentados 1106 registros, sendo que as formas lexicais com maior produtividade foram *mexerica* (333 ocorrências, 30,11%), *poncã* (314, 28,39%), *tangerina* (244, 22,06%) e *bergamota* com suas variantes morfofonêmicas (112 registros, 10,13%). Em contrapartida, as formas lexicais com menor produtividade foram *morcote* e variantes morfofonêmicas (54 ocorrências, 4,88%), *mimosa* (33, 2,98%), *laranja-cravo(a)* (13 registros, 1,18%) e *mandarina* (duas ocorrências, 0,18%).

Para finalizar, Romano (2018b) afirma que não existe uma homogeneidade lexical no território analisado, sendo que “os limites e abrangência de ambos os falares



são virtuais e fluidos, ora havendo a interinfluência de um em outro, ora prevalecendo a delimitação de áreas lexicais distintas” (ROMANO, 2018b, p.135).

Ao apresentarmos os cinco estudos mencionados anteriormente, podemos concluir, a partir destes, que é de suma importância os trabalhos que realizam o levantamento e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil. De modo geral, observamos que há muitos estudos no Brasil que investigam o QSL do Projeto ALiB, como a pesquisa de Razky, Costa e Oliveira (2011) que analisa a variação envolvendo *toco de cigarro* - questão 146 - relacionada à área semântica “convívio e comportamento social”, e ainda, Romano (2018b) que teve como foco de análise a questão 030 - *tangerina/mexerica* - relacionada à área semântica “atividades agropastoris”, dentre outros.

A partir dessas e de outras pesquisas, é possível mostrar as variantes lexicais presentes na fala dos informantes e como a escolha por uma ou outra está relacionada, por vezes, a sua faixa etária, seu grau de escolaridade e sexo (PAIM, 2011, 2013; ROMANO 2018a), e, assim, podem oferecer contribuições para o registro da diversidade da língua portuguesa. Na próxima seção, apresentamos a metodologia empregada em nosso estudo.

3 Metodologia

3.1 O *corpus* e a amostra

No que se refere ao *corpus*, nossos dados são provenientes do Atlas Linguístico do Brasil, que é constituído de documentação reunida a partir da recolha de dados em 250 localidades e de 1100 informantes. No que tange aos informantes, foram selecionados aqueles que possuíam faixas etárias entre 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, perfazendo, assim, um total de 550 homens e 550 mulheres. Além disso, os falantes, das capitais, apresentam dois tipos de escolaridade (fundamental incompleto e o nível



superior completo). Os informantes são oriundos de todas as regiões do Brasil e de todas as capitais, com exceção⁷ apenas de Brasília e Tocantins.

Dos questionários, questões e textos que compõem o projeto Atlas Linguístico do Brasil, encontramos três tipos de questionários a serem respondidos pelos participantes: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), o Questionário Semântico-Lexical (QSL) e o Questionário Morfossintático (QMS). O QSL foi um dos questionários elaborados com a finalidade de atingir os objetivos propostos pelo projeto ALiB a serem respondidos pelos participantes da pesquisa. O QSL apresenta 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, e vida urbana.

Para compor a amostra deste estudo, nos reportamos às transcrições das respostas dadas pelos informantes à pergunta 114 - *como se chama a pessoa que não tem uma perna?* - do QSL e da área semântica “corpo humano”, detendo-nos apenas no material referente às capitais do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, totalizando, dessa forma, 200 informantes de ambos os sexos, e com faixas etárias entre 18 a 30 anos ou 50 a 65 anos. Dessa forma, trabalhamos com as mesmas variáveis controladas pelo ALiB, no que se refere à localidade, nos detemos apenas em analisar as capitais brasileiras.

Registramos todas as variantes produzidas pelos informantes, a saber: *coxo, cotó, cachimbo, manco, deficiente físico, só tem uma perna, coxal, deficiente, coxolé, tem uma perna amputada, perna de pau, saci, “impurrando” de uma perna, concho, não tem uma perna, cambeta, puxa de uma perna, capenga, maneta, sem perna, perna sim perna não, manqueta, mutilada, pernalta, manguebá, cortô a perna, moleta e paralítico*, bem como o número de ocorrência para cada variante. Depois, selecionamos apenas as duas variantes que apresentaram o maior número de ocorrências na amostra

⁷ Excetuando-se apenas Brasília (Distrito Federal) e Palmas, capital do recém-criado Estado de Tocantins, que, de acordo Cardoso e Mota (2012), não foram incluídas na pesquisa em virtude da data de sua criação e pelo fato de ainda não haver habitantes nelas nascidos.



analisada, que foram *aleijado* e *perнета*. Tomamos a variante *aleijado* como fator de aplicação, isto é, todas as rodadas realizadas tomaram como referência essa variante.

3.2 Variáveis

3.2.1 Variável dependente

A variável dependente é o fenômeno que desejamos estudar, no caso a variação entre os itens lexicais *aleijado* e *perнета*⁸.

3.2.2 Variável independente

Considerando a estratificação do ALiB, optamos por estudar as seguintes variáveis: sexo (masculino e feminino), faixa etária (I - 18 a 30 anos; II - 50 a 65 anos), localidade (Fortaleza, Aracaju, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís, Teresina, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Campo Grande, Cuiabá, Goiânia, Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco) e, por fim, a escolaridade (ensino fundamental incompleto e ensino superior completo).

Após a leitura dos inquéritos, codificamos todas as ocorrências e as digitamos em um arquivo no formato .tkn, para, assim, submetermos os dados ao programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

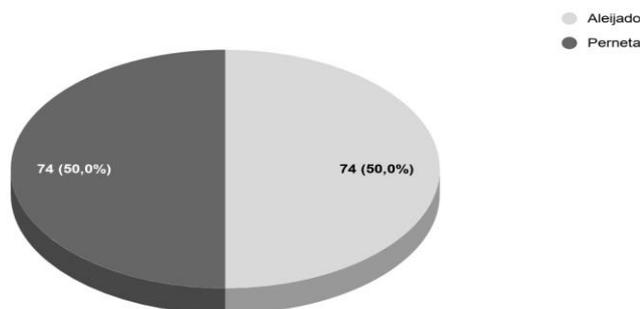
4 Resultados e discussão dos dados

Foram registradas 148 ocorrências, totalizando 74 (50%) dados para *aleijado* e 74 (50%) ocorrências para *perнета*. Vale ressaltar que, na primeira rodada, obtivemos

⁸ É importante esclarecermos que optamos por não desconsiderar as variantes fonéticas *alejada*, *alejado*, *aleijada* e *alêjado* referentes à *aleijado*, para que assim tivéssemos um número maior de dados.

03 nocautes⁹ apenas para a variável localidade, logo, tivemos que eliminá-los e realizar uma nova rodada. A seguir, podemos visualizar, no gráfico 01, a distribuição das ocorrências para as duas variantes lexicais:

Gráfico 01: Frequência de uso das variantes analisadas



Fonte: elaborado pelos autores.

Como podemos observar, as variantes *aleijado* e *perneta* obtiveram a mesma quantidade de ocorrências, além disso, a partir de alguns relatos presentes na amostra, podemos inferir que essas duas variantes estão bem presentes no falar brasileiro, como vemos nos excertos das transcrições a seguir:

(3)

INQ.- A pessoa que não tem uma perna...?

INF.- *Perneta*... ou *alejado*

(Macapá-AP, homem, entre 50 a 65 anos de idade, ensino superior completo)

(4)

INF. – Ô *alejado* ô... ô *alejado*... Mas tem um nome quando a pessoa num tem uma perna...

INQ. – Por que *alejado* é tudo... mas (inint) assim...

INF. – É... a perna assim... manco é quando manca... (init) *alejado* da perna...

(A propósito das Retornadas: Cotó)

(Maceió-AL, mulher, entre 50 a 65 anos de idade, ensino fundamental incompleto)

⁹ De acordo com Guy e Zilles (2007, p.158), “um nocaute, na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente [...] o valor desse fator se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente; quaisquer que sejam os outros fatores presentes, o resultado vai ser sempre 0% ou 100% de aplicações do processo indicado pelo nocaute. Os outros efeitos de contexto, portanto, são postos fora do ringue.”

Todavia, podemos perceber que essa variante ainda é estigmatizada, ou seja, existe um certo valor negativo, recaindo sobre a variante *aleijado*, como podemos observar nos excertos a seguir:

(5)

INQ.- A pessoa que não tem uma perna? Às vezes precisou cortar... teve alguma doença?
INF.- Hi! É um nome feio né? *Aleijado*
INQ.- Isso... Pode ser né?
INF.- É pesado né?
INQ.- Mas é né?
INF.- É... *Alejado*...
INQ.- Mas é né... Não tem outro nome... Como é que vai falar né?
(São Paulo-SP, mulher, entre 50 a 65 anos, ensino fundamental incompleto)

(6)

INQ.- Adilson... A pessoa que não tem uma perna? Que precisou cortar...
INF.- Não nem me fala essas coisa eles qué fazê isso aqui na minha perna... (riso)...
INQ.- Então tá bom...
INF.- Num vô nem respondê... dexá ela branca aí...
INQ.- (inint)...
INF.- É cortá... amputá...
INQ.- Anh?
INF.- Amputá... Deus me livre!
INQ.- A pessoa que só tem uma perna... a gente diz que ele é o quê?
INF.- De... deficiente... É deficiente...
INQ.- Isso... A...
INF.- Eu ia fala *alejado*... Que *alejado*! Ninguém é *alejado*... não...
INQ.- Pode ser também... não é?
INF.- Ah... mai é uma palavra mais... Mais forte... Né?
INQ.- Mas a gente fala... Não fala?
INF.- É...
INQ.- Vocês aqui no dia-a-dia...
INF.- Ah... Às vezes... depende... se fô uma pessoa que você não gosta... ce acaba xingano de...
Fala que ela manca um poço cê fala que tá *alejado* mas... uma coisa muito muito forte...
INQ.- Hunhum...
(São Paulo-SP, homem, entre 18 a 30 anos, ensino fundamental incompleto)

Além disso, verificamos que a forma *perнета* é considerada por alguns informantes como uma variante que se aprende no processo de ensino e aprendizagem em instituições educacionais. Enquanto que *aleijado* é tida como uma variante que é utilizada por uma parcela da sociedade sem instrução formal ou que apresenta um baixo grau de escolarização. É o que podemos observar nos excertos, abaixo, retirados de nossa amostra:



(7)

INF. – *Perneta*... mais num é uma coisa que se costumava usá... isso é uma coisa de aprendizado... num é coisa da família... do entorno... falá e tal...
(Salvador - BA, homem, entre 50 e 65 anos, ensino superior completo)

(8)

INF.: - Pra mim é deficiente físico ((Vale como resposta também?))... mas chamam de *perneta*
(Salvador - BA, mulher, entre 50 e 65 anos, ensino superior completo)

Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que a língua, sendo um sistema heterogêneo, pode apresentar formas em variação ou em competição no interior do sistema da língua, como o fenômeno que analisamos neste trabalho.

Com base nos dados obtidos na amostra, o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) selecionou a escolaridade e a faixa etária como as variáveis mais relevantes para esta análise. A seguir, apresentamos e discutimos os resultados referentes a estas duas variáveis.

4.1 Fatores relevantes para a rodada com todas as capitais

4.1.1 Escolaridade

A escolaridade foi selecionada a variável que mais relevante para a aplicação da variante *aleijado*. De acordo com os pesos relativos (P.R.) da tabela 01, essa forma é favorecida por falantes com escolaridade fundamental incompleta (0,761), enquanto os que possuem ensino superior completo (0,224) desfavorecem o seu uso.

Tabela 01 - Papel da escolaridade no emprego da variante *aleijado*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Fundamental incompleto	67/85	78,8	0,761
Ensino superior completo	19/79	24,1	0,224

*Input*¹⁰: 0,534

*Significance*¹¹: 0,003

Fonte: elaborada pelos autores.

Como já havíamos apontado nas nossas hipóteses, os informantes menos escolarizados são os que mais beneficiam a forma *aleijado* e também constatamos isso nos excertos 5 e 6, mostrados anteriormente. Sendo assim, podemos verificar que os mais escolarizados são os que menos utilizam essa variante lexical, atribuindo, por vezes, um valor negativo à forma *aleijado*, por vezes, preferem rejeitá-la e/ou estigmatizá-la por considerarem uma maneira desrespeitosa, ao se referir à pessoa que só tem uma perna. Este resultado ratifica a afirmativa de Bortoni-Ricardo (2004), ao dizer que o tempo de escolarização e a excelência das instituições de ensino podem ser algumas das características a interferir no repertório linguístico de um indivíduo. Além do mais, a interferência da variável escolaridade pode vir a refletir na variável classe social, gerando a exclusão daqueles indivíduos que não utilizam certos tipos de variantes (PAIVA; SCHERRE, 1999).

4.1.2 Faixa etária

A faixa etária foi a segunda variável apontada pelo programa como a mais significativa para o emprego da variante *aleijado*, sendo que a faixa I (0,646) atua como

¹⁰ O *input* é um tipo de quantificação presente no modelo quantitativo da sociolinguística variacionista. Trata-se de uma medida do uso geral do fenômeno que está sendo estudado. (GUY; ZILLES, 2007).

¹¹ *Significance* ou Significância estatística é compreendida como “[...] um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos”. (GUY; ZILLES, 2007, p.85).

aliada da forma *aleijado*, ao passo que a faixa II (0,354) age negativamente sobre essa variante, como podemos observar na tabela 02:

Tabela 02 - Papel da faixa etária no emprego da variante *aleijado*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Faixa I (18 a 30 anos)	56/82	68,3	0,646
Faixa II (50 a 65 anos)	30/82	36,6	0,354

Input: 0,534

Significance = 0,003

Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados obtidos na tabela 02 confirmam nossa hipótese de que os jovens favorecem o uso da forma *aleijado*. Isso pode ser justificado pelo fato de os informantes com idade entre 50 a 65 anos considerarem essa expressão desrespeitosa (MONTEIRO, 2000) e não usual para se dirigirem a uma pessoa que não tem uma perna.

4.2 Fatores relevantes por Região (apenas as capitais) do Brasil

Além dos resultados apresentados na seção anterior, analisamos os dados da mesma amostra, mas com rodadas distintas por Regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) com suas respectivas capitais. A seguir, mostraremos os fatores que foram apontados como mais relevantes nas novas¹² análises.

4.2.1 Escolaridade

Esse fator se mostrou, nas análises, relevante para todas as regiões, como podemos visualizar no gráfico 02.

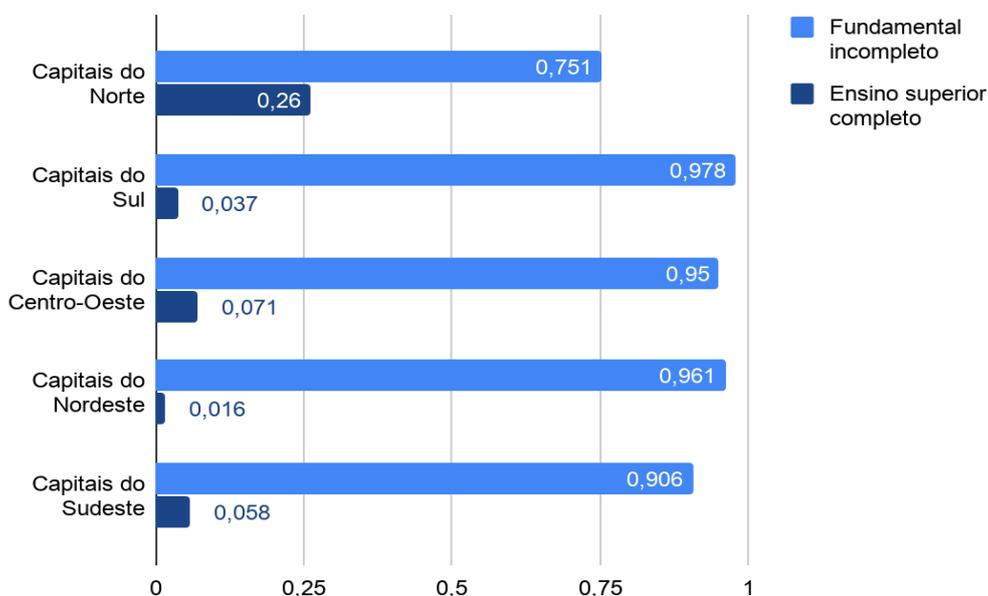
Ao compararmos os pesos relativos das capitais de cada região, observamos que os informantes que possuem menor escolaridade (ensino fundamental incompleto)

¹² Nessas análises, obtivemos para as capitais do Norte *Input*= 0,624 e *Significance* = 0,005; capitais do Sul *Input*= 0,312 e *Significance* = 0,009; capitais do Centro-Oeste *Input*= 0,735 e *Significance* = 0,040; capitais do Nordeste *Input*= 0,723 e *Significance* = 0,008; e capitais do Sudeste *Input*= 0,849 e *Significance* = 0,040.

favorecem o uso da forma *aleijado*, ao contrário dos graduados. Esses dados corroboram com nossas hipóteses, levantadas na seção 3.1.1 *Escolaridade*.

Conforme mostra o gráfico 2, os informantes, com o fundamental incompleto, das capitais do sul (0,978), nordeste (0,961), centro-oeste (0,950) e sudeste (0,906) se mostraram fortes aliados da variante *aleijado*. Já os falantes das capitais do norte (0,751), embora também se mostrem favorecedores deste item lexical, não o são na mesma proporção que verificamos nas outras regiões.

Gráfico 02: Papel da escolaridade no emprego da variante *aleijado* por Região brasileira



Fonte: elaborado pelos autores.

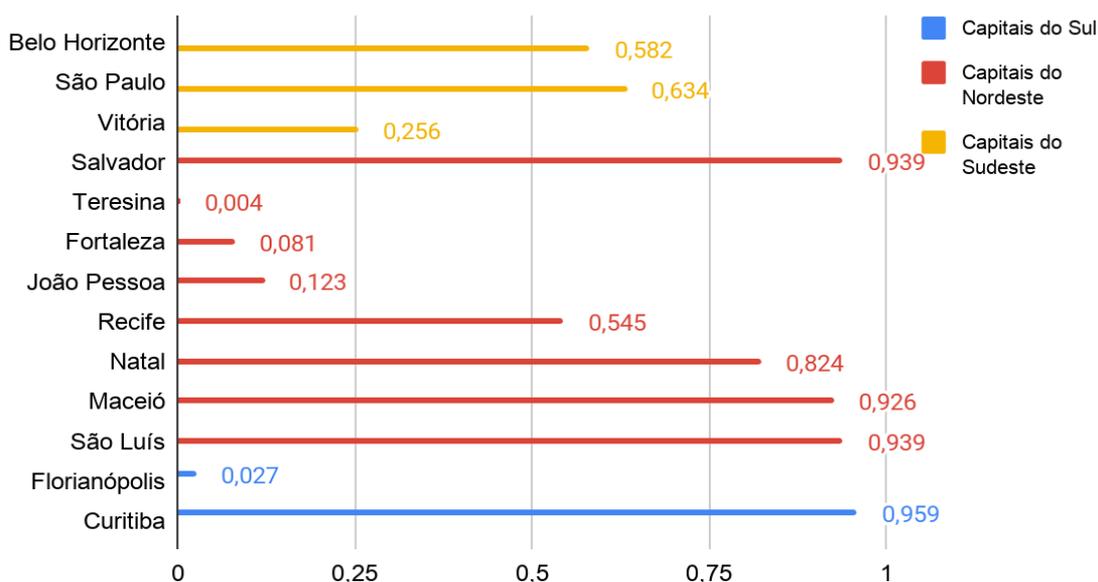
Quanto aos falantes com ensino superior completo, notamos que esses informantes são os que mais favorecem a forma *perнета*, pois, como mostra o gráfico 02, todos os pesos relativos são inferiores a 0,50, a saber: as capitais do Norte (0,260), as capitais do Centro-Oeste (0,071), as capitais do Sudeste (0,058), as capitais do Sul (0,037), e, por fim, as capitais do Nordeste (0,016).

4.2.2 Localidade

Outra variável que apresentou relevância, mas apenas para as capitais do Sul, Nordeste e Sudeste, foi a localidade. As capitais do Centro-Oeste e do Norte apresentaram nocautes nessa rodada que foram desprezados. Por se tratar de uma pesquisa variacionista, essa variável não deve ser desconsiderada, porque notamos que os informantes utilizam formas variadas para definir uma pessoa que tem uma perna.

Dentre todas as capitais apresentadas no gráfico 03, a cidade que mais favoreceu a variante *aleijado*, quando comparada às demais, foi Curitiba (0,959), enquanto que a localidade que mais inibiu o seu uso foi Teresina (0,004). Acreditamos que pesquisas futuras, se levarem em consideração critérios geográficos, regionais, históricos, etc., possivelmente compreenderão a escolha lexical dessa comunidade de fala. Em suma, podemos afirmar que a variável localidade foi apontada em nossas análises como relevante e, ao confrontarmos os valores dos pesos relativos das capitais da Região Sudeste, a saber: São Paulo (0,634), Belo Horizonte (0,582) e Vitória (0,256), vimos que apenas as duas primeiras privilegiam a variante, em detrimento da terceira que é aliada da forma *perneta*. É importante frisar que a capital Porto Alegre apresentou nocaute e, por esta razão, tivemos que desprezá-la da nossa amostra.

Gráfico 03: Papel da localidade no emprego da variante *aleijado* por Região brasileira



Fonte: elaborado pelos autores.

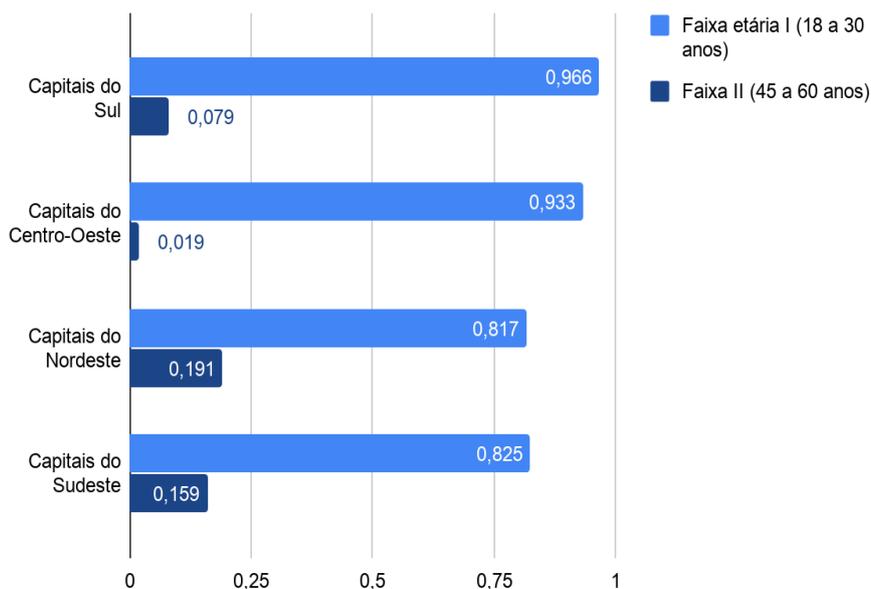
As capitais da Região Nordeste do Brasil, como Salvador (0,939), São Luís (0,939), Maceió (0,926), Natal (0,824) e Recife (0,545) favorecem a variante lexical *aleijado*, enquanto que as capitais João Pessoa (0,123), Fortaleza (0,081) e Teresina (0,004) privilegiam a forma *perнета*. Do mesmo modo, a capital Florianópolis (0,027), no Sul, inibe a regra e é aliada do item lexical *perнета*, ao contrário de Curitiba (0,959).

4.2.3 Faixa etária

Verificamos que as análises apontaram a faixa etária como fator relevante tanto na primeira rodada como na segunda, exceto nesta última para as capitais da região Norte.

De acordo com os pesos relativos apresentados no gráfico 4, verificamos que os informantes com idade entre 18 a 30 anos são os que favorecem o uso da variante *aleijado*, a saber: capitais do Sul (0,966), capitais do Centro-Oeste (0,933), capitais do Sudeste (0,825) e capitais da região Nordeste (0,817). Além disso, ao compararmos os pesos relativos da faixa etária I (18 a 30 anos) entre as capitais das regiões apresentadas, constatamos que as capitais do Sul (0,966) são as maiores aliadas da regra.

Gráfico 04: Papel da faixa etária no emprego da variante *aleijado* por Região brasileira



Fonte: elaborado pelos autores.

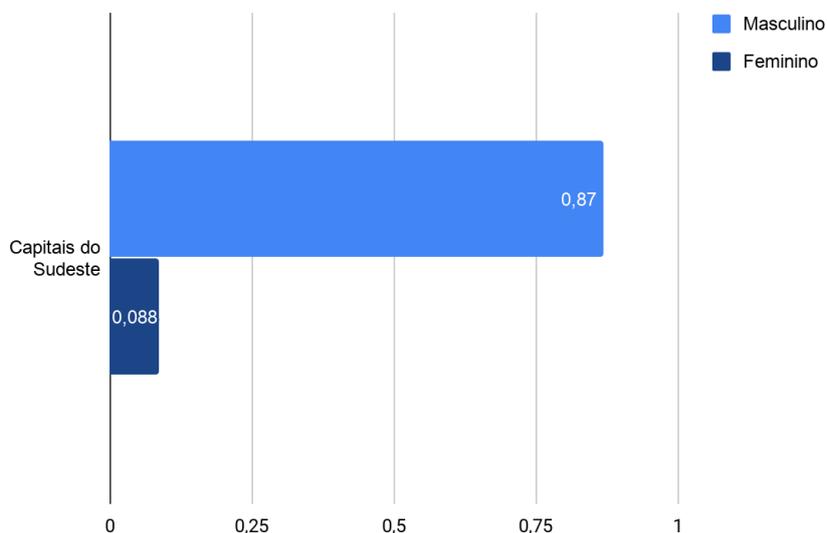


Todavia, podemos observar, no gráfico 04, que os sujeitos com maior faixa etária (50 a 65 anos) apresentaram pesos relativos inferiores, comparados aos da faixa etária mais jovem, favorecendo, assim, o uso da variante *permeta*, a saber: capitais do Nordeste (0,191), capitais da região Sudeste (0,159), capitais da região Sul (0,079), e capitais do Centro-Oeste (0,019).

4.2.4 Sexo

Nossas análises apontaram que as capitais do Sudeste foram as únicas que revelaram a variável sexo como um fator relevante, isso se justifica, talvez, pela pouca quantidade de dados obtidos para esta região. De acordo com Monteiro (2000, p. 99), “[...] quando ocorre um fenômeno de diversidade linguística em função do sexo, em geral uma das variantes traz certas conotações de prestígio ou é tida como padrão”. É o que podemos observar no gráfico 05, o sexo masculino (0,870) privilegia a variante *aleijado*, ao passo que o sexo feminino inibe o seu uso (0,088), favorecendo, assim, a variante lexical *permeta*. Podemos inferir, através desses resultados, que o sexo feminino prefere utilizar variantes que carregam certo prestígio social e evita as que violam a língua-padrão. Esse achado reforça a constatação de Labov (2001, p. 293), segundo a qual “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas”. Ou seja, as mulheres preferem usar tanto as variantes de prestígio como as formas inovadoras mais do que os homens. Além de confirmar nossa hipótese, esses dados corroboram a ideia de que as variantes trazem um valor social, a ponto de determinados grupos de falantes fazerem uso de uma forma ou de outra, dependendo do valor que lhe é atribuído.

Gráfico 05: Papel do sexo no emprego da variante *aleijado* por Região brasileira



Fonte: elaborado pelos autores.

As capitais do Sul, Nordeste, Centro-Oeste e do Norte não estão presentes no gráfico 05, pois a variável sexo foi considerada irrelevante na rodada, não apresentando, assim, dados para esta análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, com esta pesquisa, que as variantes lexicais *aleijado* e *perнета* são as mais recorrentes nas capitais brasileiras. Tendo as duas formas apresentado a mesma quantidade de ocorrências, optamos por analisar os dados em função da variante *aleijado*. Os resultados corroboraram as hipóteses levantadas:

- a) os informantes do sexo masculino favorecem esta forma;
- b) os mais jovens a beneficiam;
- c) as mulheres preferem não utilizá-la;



d) os informantes menos escolarizados a privilegiam.

Dessa forma, verificamos que a variante lexical *aleijado* é uma expressão estigmatizada, usada com frequência pelos mais jovens, por quem tem ensino fundamental incompleto, além disso, é mais utilizada pelos homens do que pelas mulheres. Além do mais, constatamos que os informantes com ensino superior completo das capitais do Norte, Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste favorecem o item lexical *perнета*; a capital que mais beneficia a variante *aleijado* é Curitiba (0,959), capital da região Sul, enquanto a que mais inibe é Teresina (0,004), capital da região Nordeste.

Ademais, os informantes jovens (faixa etária I) das capitais da região Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste preferem utilizar a variante *aleijado*, todavia os informantes com mais idade (faixa etária II), dessas mesmas capitais, beneficiam a forma *perнета*. Ainda averiguamos que as capitais da região Sudeste foram as únicas a considerar a variável sexo relevante, tendo nos homens os maiores aliados da forma *aleijado*.

Sabemos das limitações que este estudo apresenta, sugerimos, em razão disso, que pesquisas futuras possam analisar as variantes *aleijado* e *perнета*, realizando comparações com os dados dos Atlas Linguísticos Estaduais, por exemplo. Contudo, acreditamos que nossos achados revelam um panorama de como os falantes brasileiros denominam uma pessoa que não tem uma perna, e como eles atribuem um valor, seja positivo ou negativo, ao que verbalizam ou consideram como sendo correto e/ou mais respeitoso.

REFERÊNCIAS

BORTONI - RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual. **Alfa**, São Paulo, v.56, n.3, p. 855-870, 2012.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHAIN, Soraya Paiva; MARGOTTI, Felício Wessling. Mudança lexical na designação de uma brincadeira infantil: pesquisa geolinguística realizada em Manaus. **Caligrama**,



vol.18, n. 2, p.69-88, 2012. Disponível em:<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/1988/4808>>. Acesso: 28 de mar. de 2019.

FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos; DENARI, Fatima Elisabeth. Pessoa com deficiência: estigma e identidade. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 26, n. 50, p. 77-89, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/4263/2661>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. **Modelos Sociolinguísticos**. Tradução de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983. Título original: Sociolinguistic Patterns.

_____. **Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors**. v. 3. Oxford: Blackwell, 2010.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola Editorial, [1972] 2008.

_____. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. v 2. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. v. 2. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. v. 1. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159 Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

_____. The social stratification of English in New York City. Washington, DC: **Center for Applied Linguistics**, p. 1-87, 1966. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~bakovic/variation/Labov-2006.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

MAGALHÃES, Rita De Cássia Barbosa Paiva; CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p.45-61, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a03.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAIM, Marcela Moura Torres. Jovens e idosos escolhem as mesmas palavras? **Entrepalavras**, Fortaleza, v.1, n.1, p. 7-24, ago/dez 2011. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/1/44>>.

Acesso em: 23 maio 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. As designações para *conjuntivite* nos dados do projeto alib: revelações diageracionais. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 146-155, 2013. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984->



8420.2013v14n2p146/26368>. Acesso em: 28 mar. 2019.

PAIVA, Maria da Conceição; SCHERRE, Maria Marta Pereira. “Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL”. DELTA, v. 15, n.esp., pp. 201-232, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4017.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

RAZKY, Abdelhak; COSTA, Eliane Oliveira da; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. A distribuição geolinguística do item lexical toco de cigarro nas capitais brasileiras. **Letras**, Fortaleza, v. 30, n. 1/4, p. 35-44, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2380/1842>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões centrooeste, sudeste e sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico Do Brasil. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n.2, p. 463-497, 2014. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/1981-5794-alfa-58-02-00463.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2019.

ROMANO, Valter Pereira. Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 103-145, 2018a. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/11115-37873-2-pb.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2018.

ROMANO, Valter Pereira. Áreas lexicais brasileiras: um novo olhar sobre a proposta de antenor nascentes nos dados do projeto atlas linguístico do brasil. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 117-145, 2018b. Disponível em: <<http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v34n1/2079-312X-ling-34-01-113.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 18 maio 2018.

WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin; LABOV, William. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. Título original: Empirical Foundations for a Theory of Language Change.

Recebido Para Publicação em 18 de outubro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.